

Quando arte e crime se encontram: golpistas, trapaceiros, seus personagens e performances¹

Jania Perla Diógenes de Aquino
Universidade Federal do Ceará, UFC

Palavras Chaves: Golpistas, Performance, Crime.

Introdução

O trabalho aborda a atuação de três golpistas que se tornaram famosos nas duas últimas décadas e que, sem recorrer à violência física, enganaram grande quantidade de pessoas e obtiveram elevadas ganhos materiais e simbólicos, demonstrando habilidades em produzir narrativas, cenários e personagens verossímeis, apesar de falsos. Anna Sorokin, é a jovem russa que, nos anos 2010, apresentou-se nos EUA como Anna Delvey, a falsa herdeira alemã de uma fortuna de 60 milhões de euros. Ela morava em hotéis cinco estrelas, frequentava festas exclusivas, restaurantes premiados, vestia roupas de grife e viajava em jatos privados, conseguiu enganar a elite e o sistema financeiro novaiorquino. Sua trajetória foi enredo da série "Inventando Anna", lançada em 2022 na plataforma de streaming Netflix. Outro golpista que ganhou notoriedade mundial recentemente foi o israelense Simon Leviev. Passando-se por filho de um milionário, dono de minas de diamantes, Simon usava o aplicativo de relacionamentos *Tinder* para seduzir mulheres na Europa, levando-as a lhe fazer empréstimos em dinheiro e cartões de crédito. Algumas das mulheres enganadas por Simon apresentaram suas versões no documentário *O golpista do Tinder*, lançado pela Netflix, também em 2022. O terceiro impostor analisado é o brasileiro Marcelo Nascimento da Rocha, que ficou conhecido no país em 2001, quando foi preso no aeroporto Santos Dumont, depois de ter se passado pelo empresário Henrique Constantino, cofundador da *GOL linhas aéreas* durante um carnaval fora de época em Recife. Embora não tenha auferido altas somas com suas encenações, Marcelo conseguiu lucrar com as vendas de *VIPS, histórias reais de um mentiroso*, livro lançado em 2005, baseado em sua biografia, que veio resultar também em um documentário e em um filme longa metragem. Atualmente Marcelo se apresenta como empresário, escritor, consultor e palestrante.

Neste universo dos golpes e falsificações, uma figura que se tornou lendária por sua astúcia e habilidades, e que decerto é uma inspiração para jovens trapaceiros, foi o norte-americano Frank Abgnale Junior, nascido no Condado de Westchester em 27 de abril de 1948. Ele se tornou conhecido como vigarista, falsificador de cheques e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

impostor nos anos de 1960, entre seus 15 e 21 anos de idade. Conforme mostraram as investigações policiais e narrativas públicas do próprio Abignale, ele teria assumido oito identidades diferentes, incluindo as profissões de piloto de avião, médico, agente do FBI e advogado.

Depois de capturado pelo FBI, Abignale cumpriu mais de quatro anos de prisão em regime fechado e, em 1974, foi libertado pelo governo norte americano sob a condição de ajudar as autoridades federais contra fraudes monetárias. Após sua soltura, o ex-trapaceiro conseguiu alguns empregos convencionais, mas considerou todos insatisfatórios, então resolveu fazer uma oferta a um banco. Detalhou seus golpes e falsificações e se ofereceu para palestrar ao pessoal do banco, mostrando variados truques que fraudadores utilizam para enganar instituições financeiras. Abignale teria feito a seguinte oferta: se os executivos do banco não considerassem seus conteúdos úteis, não precisaria pagar nada, mas se gostassem deveriam lhe pagar por palestras, além de divulgar seu nome e trabalho a outros bancos. E, assim, ele começou sua vida como consultor, ofício legal e que o agradava exercer.

Mais tarde, fundou a *Abignale & Associates*, uma empresa de consultoria contra fraudes financeiras em Tulsa, no estado do Oklahoma e, desde então, organiza palestras e treinamentos pelo mundo. Ele também é consultor e palestrante da academia do FBI. Atualmente, Abignale é um homem muito rico. Sua história de vida serviu de inspiração para o filme "Prenda-me se for capaz" de 2002, protagonizado por Leonardo DiCaprio interpretando Abignale. O filme resultou em um musical da Broadway homônimo, de 2002. Além disso, a história de Abignale foi abordada na série de Crimes do Colarinho Branco, de 2009.

Assim como Abignale Junior, os três personagens abordados neste *paper*, a russa Anna Delvey, o israelense Simon Leviev e o brasileiro Marcelo Nascimento da Rocha, são golpistas que se tornaram famosos e considerados pessoas muito inteligentes. Seja pela visibilidade que alcançaram ou pelas habilidades e perspicácia demonstradas em suas trapaças, estes personagens vêm tendo oportunidades de desenvolver atividades legais e abandonar suas investidas ilícitas.

Partindo da exposição das fraudes e truques dos três trapaceiros mencionados, este *paper* assinala que tais sujeitos possuem uma sofisticada compreensão da estrutura social, mobilizando este conhecimento para obter vantagens nas interações sociais da vida cotidiana, muitas vezes, de modo criminoso. O mundo de glamour que engendram com suas mentiras figura como um *espelho mágico* ou *antiestrutura*. Interlocutores de figuras como Anna, Simon e Marcelo se deixam seduzir por suas performances

"cínicas" porque se identificam com os personagens que eles criam e gostariam de protagonizar as histórias que eles contam. Ressaltando o fascínio produzido por estes atores e a eficácia simbólica de suas performances, este trabalho indaga sobre o que a atuação destes trapaceiros tem a dizer sobre moralidades dominantes, biografias "invejadas" e estilos de vida celebrados ou socialmente prescritos.

1. A falsa herdeira alemã que seduziu Manhattan

Anna Dalvey, tem 33 anos e ficou conhecida no mundo todo por causa de uma série de golpes junto à alta sociedade e à elite financeira de Manhattan. Ela nasceu Anna Vadimovna Sorokina, em um subúrbio de Moscou, no dia 23 de janeiro de 1991. Em 2007, sua família migrou para a Alemanha e, beneficiada por políticas de bem-estar social do governo, conquistou um padrão de vida de classe média. Com 21 anos, ela foi morar em Paris e adotou o nome Anna Delvey. No ano seguinte, mudou-se para Nova York e lá, Anna Dalvey passou a se apresentar como filha de um milionário alemão, herdeira de uma fortuna de 60 milhões de euros. Entre 2014 e 2018 ela cometeu diversos ilícitos. Usou sem permissão cartões de crédito de amigas *socialites*, deu calotes em hotéis cinco estrelas e numa empresa de aluguel de avião particular, usou documentos falsos para abrir conta em bancos, efetuou pagamentos com cheques sem fundos e fez empréstimos que nunca pagou.

A investida mais ousada da falsa herdeira foi um empréstimo de 60 milhões de dólares que ela tentou fazer para a abertura da *Fundação Ana Dalvey*, projeto que consistia em um grande centro de artes visuais, que ocuparia um prédio inteiro de uma avenida localizada no coração de Nova York. Além de abrigar exposições e galerias, o negócio contaria também com quartos de hotel e restaurantes luxuosos. Anna Dalvey formou uma equipe com diversos profissionais gabaritados como artistas, arquitetos e advogados especializados em direito financeiro, participou com executivos de diferentes bancos e investidores em busca financiamento. Em uma das instituições financeiras, o projeto elaborado por Ana, em parceria com diversas figuras renomadas em Nova Iorque, conseguiu chegar à última fase do processo de análise. Embora os 60 milhões não tenha sido liberado, chamou atenção de jornalistas, ela ter conseguido a colaboração de personalidades de grande prestígio e disputadas no mercado das artes, além da aproximação e encontros seletos com investidores e profissionais influentes no mercado financeiro.

Não demorou muito para que suas trapaças fossem descobertas e Anna Dalvey foi presa no dia 3 de outubro de 2017, quando estava internada em uma clínica de

reabilitação, de alto padrão em Los Angeles. O ingresso na clínica teria sido um truque da jovem russa, naturalizada alemã, para evitar sua deportação, devido ao iminente vencimento do seu visto norte-americano. Anna foi presa pelo Departamento de Polícia de Los Angeles, em uma operação policial planejada pela promotoria de Manhattan, com a colaboração de Rachel Williams, uma ex-amiga que alega ter sido induzida e pressionada, por Anna, a usar seu cartão de crédito profissional no pagamento de um conta de mais 60 mil dólares. A legislação norte-americana proíbe Polícias de entrarem em instituições de tratamento de saúde mental, Rachel William teria auxiliado os agentes a atraírem a vigarista para fora da clínica.

Anna Vadimovna Sorokina foi a julgamento em Nova York, em abril de 2019, tendo sido condenada por oito das onze acusações contra ela, incluindo furto de serviços e tentativa de furto de propriedade por fraudar hotéis de Nova York, além de furtos indiretos a conhecidos ricos. Sua pena foi de 12 anos de prisão, multa de 24 mil dólares e pagamento ou restituição a todas às suas vítimas, o que somou mais de 200 mil dólares. Anna passou três anos na prisão e recebeu liberdade condicional por bom comportamento em fevereiro de 2021.

Em 2022, a série *Inventando Anna*, da produtora Shonda Rhimes, baseada no trabalho jornalístico de Jéssica Priesley foi lançada pela Netflix. Diversas mídias noticiaram que a impostora ganhou US\$ 320 mil da plataforma de streaming por esta produção, que toma sua vida como enredo. Na prisão em regime fechado, e mais recentemente em prisão domiciliar, ela tem produzido e vendido gravuras e obras de arte. Anna tem trabalhado com fotos e chegou a organizar um desfile de moda no terraço do seu prédio. Quando progredir para o regime semiaberto, ela pretende fazer palestras para mostrar a precariedade do cotidiano no sistema prisional norte americano.

Tendo em mente, diversos episódios da atuação de Anna Delvey em Nova York, noticiados em portais digitais e periódicos, verifica-se excepcional habilidade para se aproximar de figuras de elevado status social e alta renda. Algumas das pessoas enganadas por ela, ressaltaram seus hábitos luxuosos, “bom gosto” para arte, escolha de roupas e penteados elegantes. Conforme expõe a série *Inventando Anna*, em sua chegada na Alemanha, ela teria sofrido buling e humilhações de outras adolescentes na escola pelas roupas que usava e por seu sotaque russo, percebido como exótico ou inadequado. Aflita por aceitação no novo país e buscando aprender sobre trajes e bolsas, Anna teria encontrado em revistas de moda, como *Marie Claire* e *Vogue*, não apenas imagens e instruções que a conduziram ao almejado “bom gosto” à alemã, mas todo um mundo maravilhoso de glamour, povoado por seres elegantes, de hábitos sofisticados,

com o qual ela passou a sonhar e, posteriormente, foi procurar em Paris e Nova York. Seus saberes sobre modas e boas maneiras, junto com habilidades interacionais desenvolvidas a partir de filmes e revistas, explicam o sucesso da impostora junto a endinheirados de Nova York. O deslumbre e idealização dos modos de vida da alta sociedade parece ter sido a motivação para a farsa criada, em torno de sua biografia, e para os golpes que aplicou.

Depois que sua identidade e ilegalismos vieram à tona, Anna têm feito significativas mudanças em sua “fachada pessoal”. nas aparições em entrevistas e redes sociais continua elegante e maquiada, mas suas falas ganharam um tom politizado, seja para criticar a truculência da Justiça no trato com imigrantes, nos Estados Unidos, ou para denunciar precariedades do sistema prisional do país. Se antes se apresentava como uma mulher rica, produzindo seus “encantos” por meio de narrativas falaciosas, vestimentas de grifes, e um genuíno conhecimento sobre arte, atualmente procura se mostrar sofisticada por ser intelectualizada, uma artista, cujas experiências nos domínios do ilegal, aguçaram a expressão e sensibilidade, elevando a qualidade de suas telas e gravuras. Observando suas entrevistas e postagens nas redes sociais, pode se supor que Anna se tornará também aclamada palestrante motivacional e presença VIP em eventos, cujos relatos que alinham o fabuloso mundo da *high society* ao penoso ambiente do cárcere, o que constitui um lugar de fala autêntico e privilegiado, para falar sobre vida e arte,

2. “O Golpista do Tinder”.

Simon Leviev, nasceu Shimon Yehuda Hayut, em Ramat Elchanan, Bnei Brak, Israel, em 27 de setembro de 1990, atualmente está com 33 anos. Ele se tornou mundialmente conhecido depois do documentário *O Golpista do Tinder*, lançado em 2022 pela Netflix, que é baseado em narrativas de algumas mulheres sobre fraudes e outros prejuízos a elas causados pelo jovem. Estima-se que no período de 2017 a 2019, ele subtraiu cerca de 10 milhões de dólares de dezenas de mulheres em todo o continente europeu, contactadas por meio de aplicativos de relacionamentos. Simon montou uma espécie de “esquema pirâmide”, em que parte das quantias obtidas com cada vítima era utilizada para atrair novos alvos. A história de suas investidas criminosas começou a se tornar conhecida em 2019, pela publicação do artigo *The Tinder Swindler* (O Golpista do Tinder), escrito por jornalistas vinculados ao periódico norueguês *Verdens Gangem*, em colaboração com o jornalista israelense Uri Blau. O

texto teve grande repercussão na Europa, tendo resultado no já referido, documentário homônimo, que foi o mais visto na Netflix no ano de 2022, em dezenas de países.

Mas a sucessão de golpes efetuada por Simon Leviev na Europa, entre 2017 e 2019, não marcou seu *debut* nas práticas delitivas. Conforme foi divulgado em alguns portais de notícias, depois que ele se tornou famoso, os ilegalismos de Simon começaram em sua adolescência. Aos 15 anos, ele foi morar no Brooklyn, em Nova York, junto com amigos de sua família e estes, mais tarde, o teriam acusado de uso indevido de seus cartões de crédito. De volta a Israel, em 2011, conforme divulgado, ele furtou talões de cheques em residências, enquanto trabalhava como *baby-sitter* e faz-tudo. No período, Hayut foi acusado de roubo, falsificação e fraude por descontar cheques roubados, tendo sido também indiciado por abandono de incapaz, já que em umas das casas, deixou sozinha uma criança de cinco anos, que estava sob seus cuidados. Naquela ocasião, entretanto, ele não apareceu no tribunal, escapou do país com destino à Europa, pela fronteira com a Jordânia, utilizando um passaporte falso com o nome de Mordechai Nisim Tapiro.

Entre 2011 e 2017, ele inicia sua atuação nos chamados “golpes do amor”. Explorou várias mulheres no velho continente, usando o codinome de Michael Bilton. Em 2015, Simon foi preso na Finlândia e, posteriormente, condenado a três anos de prisão. Na ocasião da captura pela Polícia, além das fraudes com mulheres que motivaram o indiciamento, foram encontradas em seus pertences diversas modalidades de documentos israelenses falsificadas, passaportes, carteiras de motorista, autorizações e cartões de crédito da *American Express*. Tendo cumprido sua sentença na Europa, foi deportado para Israel, em 2017, onde foi seria julgado e cumpriria pena pelos crimes já cometidos no país. Entretanto, ele conseguiu uma mudança oficial em seu nome de família, adotando o sobrenome Leviev, A aquisição legal da nova identidade foi engenhosamente providenciada para que “o golpista do tinder” pudesse dizer a futuras vítimas que é filho de Lev Avnerovich Leviev, empresário russo-israelense do ramo da mineração, conhecido como “O Rei dos Diamantes”. Deste modo, antes de ser julgado pelos crimes cometidos no país, no início dos anos 2010, Simon partiu novamente de Israel para novas incursões ilegais na Europa, entre 2017 e 2019, tornando-se um dos golpistas mais famosos do mundo.

Atuando como o príncipe dos diamantes no *Tinder*, ele era muito polido, galanteador e romântico. Em pouco tempo convencia mulheres a emprestá-lo cartões de crédito, cheques e variadas quantias líquidas. Nos primeiros encontros presenciais,

Leviev as seduzia com presentes luxuosos, viagens em jatos particulares e jantares em restaurantes premiados. Passadas algumas semanas do início do romance, Simon entrava em contato com as vítimas fingindo desespero, dizia estar sendo perseguido por “inimigos”, concorrentes no ramo de exploração de diamantes, enviando-lhes fotos do seu guarda costas ensanguentado. Convencidas da situação emergencial do “namorado”, muitas mulheres se apressavam em lhe conceder auxílio financeiro. Quando ocorria de alguma delas vir a solicitar o pagamento pelas quantias cedidas, ele mostrava comprovações falsas de transferências bancárias jamais efetuadas, além de outras evasivas. Simon, supostamente, investia os recursos auferidos com seus relatos inverídicos, no custeio de mimos e galanteios a novas vítimas.

Semanas depois da publicação no periódico norueguês, denunciando seus golpes, Simon foi preso em flagrante na Grécia, quando desembarcava na país, usando um passaporte falso. Conforme é exposto no documentário *O Golpista do Tinder*, tratou-se de uma operação conjunta da Interpol com a polícia israelense, com a participação de uma das vítimas do rapaz, que se manteve em contato com ele, enquanto colaborava com os investigadores. Deportado para Israel, Leviev foi condenado a quinze meses de prisão, mas acabou por ser libertado cinco meses depois, em decorrência da pandemia do coronavírus. De acordo com o *The Times of Israel*, em 2020, no intuito de ter prioridade na fila de vacinação contra a Covid 19, já em liberdade, Simon teria falsificado documentação e se passado por um profissional de saúde. Atualmente, embora em situação regular com a Justiça israelense, o trapaceiro é procurado pelas polícias da Noruega, Suécia e Reino Unido.

Em 2022, após a Netflix conferir proporções mundiais à visibilidade dos ilícitos cometidos pelo jovem israelense, o *Tinder* e outros aplicativos como o *Match.com*, o *Plenty of Fish* e o *OkCupid* baniram o perfil de Simon Leviev. Semanas antes que o documentário estreasse, Simon fez um post na rede social *Instagram*, negando ser um impostor e ter enganado mulheres. Neste período, conforme exposto em publicações de suas nas redes sociais, ele estava se relacionando com uma jovem modelo internacional israelense, que chegou a dar entrevistas, dizendo não acreditar nas acusações contra seu namorado, feitas pelas protagonistas do documentário. Mais recentemente, ela terminou a relação com o “golpista do tinder” e, em novas declarações a jornalistas, alegou ter vivido uma relação abusiva e que também fez empréstimos a Simon, pelos quais jamais recebeu pagamento. Ele a teria pressionada a defendê-lo nas mídias, argumentando que o apoio de uma mulher fortaleceria sua versão dos fatos, em contraposição as narrativas

do documentário. A moça também afirmou que ter se colocado publicamente em defesa de Simon foi negativo para sua carreira e que, desde então, os convites que recebia para desfiles e publicidades foram drasticamente reduzidos.

Um detalhe relevante da atuação do “golpista do tinder”, elucidativo do requinte de sua performance, apresenta-se na escolha das vítimas. Todas as mulheres que vieram à público denunciá-lo estão dentro de um padrão de beleza altamente valorizado no mundo ocidental, são loiras, magras, de cabelos longos, a maior parte delas jovens e não raro, modelos. A predileção por este tipo de vítima o diferencia de outros impostores atuantes nos “golpes do amor”, que tomam como presas preferenciais, mulheres que consideram desfavorecidas pelos padrões de beleza instituídos. Tal condição as tornaria solitárias ou suscetíveis a se apaixonarem rapidamente, constituindo uma “vulnerabilidade” favorável a homens interessados em seduzi-las e extorqui-las em dinheiro e bens. A maior parte dos casos que têm vindo à público, envolvendo “golpes do amor”, tenha o casal se conhecido ou não por meio de aplicativos, observa-se uma assimetria ou descontinuidade no par, seja na aparência e autoconfiança. Nestas situações, o predador costuma ser o homem, que quase sempre é privilegiado nos quesitos estéticos, em habilidades seduzir e convencer, além de cultivar imagens excessivamente positivas de si mesmo.

Por outro lado, conforme exposto no documentário e em diversas reportagens publicadas depois de seu lançamento, as mulheres escolhidas por Simon Leviev se parecem com as mulheres que costumamos ver em fotos de revistas e redes sociais ao lado de milionários e famosos, apresentadas como suas namoradas e esposas. Deste modo, “o golpista do *tinder*”, em suas investidas calculadas, supôs que tais tipos, favorecidos pela adequação aos padrões de beleza dominantes, tendem a desenvolver uma maior autoconfiança e que não lhes soaria implausível ou causaria estranhamento, o interesse e a aproximação de um milionário, “príncipe dos diamantes”. Esta crença de formar com o impostor um par simétrico, já que se equivaleriam em poder aquisitivo e beleza, contribuía para a eficácia simbólica no ataque do “predador”. Caso se tratasse de mulheres autopercebidas como inadequadas a um bom partido, mesmo que falso, certamente teriam maiores chances de desconfiar ao receberem pedidos de ajuda financeira, podendo vir a negá-lo ou se afastarem do vigarista.

As atuações de Simon nos “golpes do amor” apresentam conotações misóginas. Além de lhes subtrair dinheiro e crédito, o golpista tem afetado à saúde mental de parte de suas vítimas, o que veio acionar contra ele reprovações da opinião pública e

ativismos feministas, sobretudo na Europa. Sua emergência como “celebridade” se deu em contexto de majoritário cancelamento. As diversas reportagens e a série *Inventando Anna*, ao divulgar as farsas e ilegalismos de Anna Delvey, renderam à jovem considerável simpatia e avaliação positiva do público. Alguns repórteres e o próprio advogado que defendeu a golpista atribuem a sua atuação uma dimensão libertária e favorável à emancipação humana, porque expõe contradições e fissuras de uma sociedade pautada pela aparência e o império do consumismo, cuja moralidade é flexível e solidária a quem pagar mais. Nesta perspectiva, Anna figuraria como “rebelde” ou “denunciante” da superficialidade e injustiças escondidas atrás do glamour da elite nova-iorquina. Este enquadramento tem sido altamente explorado pela jovem russa, beneficiando suas investidas como artista, divulgadora de moda e figura pública. Por outro lado, Simon Leviev, ao ganhar notoriedade como explorador de mulheres e vigarista que acessa o espaço “sagrado” dos lares para furtar famílias, tem enfrentado dificuldades para reverter, suavizar e “monetizar” a visibilidade que obteve, por dezenas de reportagens e o documentário da Netflix que focaliza seus crimes. Conforme tenho percebido, a partir do perfil de Simon Leviev no *Instagram*, e de notícias sobre ele, disponíveis na web, suas possibilidades de ganhos legais a partir da divulgação de suas atividades ilícitas têm sido restritas.

Buscando amenizar a misoginia atrelada a sua imagem pública, Simon anunciou um contrato com a atriz Gina Rodriguez, que administra a carreira de diversas estrelas de reality shows em Los Angeles, para negociar trabalhos para ele em Hollywood. O portal de notícias TMZ chegou a noticiar que a atriz pretendia produzir um programa de TV, em que “o golpista do tinder” ensinaria mulheres a não cair em golpes. Outra investida do impostor, provavelmente instruído pela equipe de Gina Rodriguez, foi contar em suas redes sociais que foi vítima de um casal de golpistas. Segundo Simon, a dupla teria se apresentando e ele como funcionários do Instagram e ofereceram o selo azul de “verificado” para sua conta na rede social, cobrando 34 mil dólares pelo serviço. Depois de efetuar o pagamento, o golpista teria sido alertado por sua empresária, de que a rede social não cobra para “verificar” perfis. Contar essa história a seguidores, parece ter sido uma tentativa de Leviev e Rodriguez de mostrar a um público amplo que o impostor, também tem um lado vulnerável, o que confere uma dimensão de humanidade a sua imagem.

Mas a vinculação do nome de Gina Rodriguez ao de Simon Leviev, desencadeou críticas à atriz, Felicity Morris, produtora do documentário “O Golpista doTinder”,

chegou a lhe cobrar sororidade em um post na rede social Twitter, disse que seria falta de empatia e ofensa às vítimas de Simon, uma mulher criar possibilidades para ele venha a ganhar dinheiro com seus crimes. Depois desta polêmica, não houve mais notícias ou posts, vinculando os nomes de Rodriguez e Leviev. O trapaceiro e seus agentes têm encontrado resistências, em suas tentativas de emplacar enfoques menos condenatórios a sua atuação nos “golpes do amor”.

A única iniciativa de Simon em busca de obter ganhos legais por meio da fama conquistada com a visibilidade seus golpes contra mulheres, que tem tido relativo sucesso, foi a criação um perfil na “Cameo”, uma rede social destinada a conectar celebridades com seus fãs e admiradores, a qual artistas e outros famosos cobram para produzir fotos e vídeos exclusivos. Nesta plataforma, Simon Leviev cobra 100 dólares para enviar fotos e 279 dólares para enviar vídeos personalizados. Em alguns vídeos, a pedido de fãs, ele faz sátira com as mensagens que enviava às vítimas alegando estar sendo caçado por inimigos. Em seu perfil no Instagram, há muitas críticas e ironias nos comentários a suas postagens. Conforme tenho notado, os seguidores que fazem comentários amistosos a suas postagens quase sempre são homens, muitos destes, adolescentes que manifestam visões pejorativas e desrespeitosas sobre mulheres. Eles argumentam que as investidas de Simon não são condenáveis ou criminosas, porque as mulheres enganadas pelo golpista são interesseiras e que nunca tiveram sentimentos verdadeiros por ele, teriam se envolvido com o rapaz porque almejavam uma vida luxuosa ao lado do milionário, que ele dizia ser.

3) O falso herdeiro da *GOL linhas aéreas* ou a lenda brasileira das trapaças.

Marcelo Nascimento da Rocha nasceu em Maringá, no dia 19 de março de 1976 e atualmente está com 48 anos. Sua trajetória foi enredo do livro *VIPS: histórias reais de um mentiroso*, da jornalista Mariana Caltabiano, de um documentário homônimo, além de um filme longa metragem, que foi interpretado pelo ator Wagner Moura, o mesmo que deu vida ao traficante Pablo Escobar na série *Narcos*, uma das mais vistas na Netflix, e que protagonizou o premiado *Tropa de Elite*, filme ganhador do *Urso de Ouro* 2018.

A trapaça que tornou Marcelo da Rocha conhecido em todo o país teve como cenário o *Recifolia* 2001, quando ele usufruiu de diversas regalias, assumindo a identidade de Henrique Constantino, vice-presidente, cofundador e filho do proprietário da *GOL Linhas Aéreas*, uma das principais patrocinadoras da micareta. Informados da

presença do milionário em Recife, empresários pernambucanos lhe disponibilizaram um helicóptero para o deslocamento entre o hotel e o local da micareta, assim como um jatinho caso precisasse fazer alguma viagem interestadual naqueles dias. Para que a performance de milionário fosse convincente, Marcelo se hospedou em um hotel cinco estrelas e contratou dois seguranças particulares para acompanhá-lo, no evento se aproximou do ator Richard Marx, que o apresentou a diversos modelos e jovens atrizes. Outro famoso de quem o impostor esteve próximo no Recifolia foi o comunicador Amaury Júnior, que na época, apresentava o programa *VIP Brasil*, veiculado pela TV Record, especializado em coberturas de eventos badalados. Na ocasião, Marcelo concedeu pelo menos duas entrevistas a Amaury Junior, demonstrando invejável desenvoltura ao falar da *Gol linhas aéreas*, sua atuação no mercado e estratégias de crescimento. No terceiro dia da micareta, Marcelo voou de jatinho para o Rio de Janeiro junto com Richard Marx. No Aeroporto Santos Dumont, eles se reuniram com Marcos Frota e Carolina Dieckman no restaurante Porcão, mas a foto do golpista constava entre os procurados pela Polícia Federal e, na ocasião, ele foi reconhecido e preso pelos agentes de plantão no aeroporto.

A repercussão midiática deste episódio, envolvendo pessoas ricas e celebridades, levou a jornalista Mariana Caltabiano a se interessar pela trajetória de Marcelo da Rocha e resolveu escrever um livro e, posteriormente, um documentário sobre ele. Conforme expõe os trabalhos de Caltabiano, a biografia do impostor é uma extensa sucessão de trambiques e falsidades ideológicas, envolvendo personagens os mais inusitados.

Aos 14 anos, Marcelo aplicou os primeiros golpes. Para viajar sem pagar e sem que sua família soubesse, ele se passou diversas vezes por parentes de proprietários das companhias de ônibus, que faziam o percurso do Paraná para o Rio grande do Sul. Além da viagem gratuita, conseguia se hospedar nos alojamentos das empresas e recebia três refeições diárias, até ser descoberto. Aos 16 anos, Marcelo passou a frequentar delegacias da Polícia Civil do Paraná e a assessorar informalmente os profissionais de Segurança Pública. Este convívio permitiu que o trapaceiro conhecesse em detalhes a atividade policial, dominando seus procedimentos de rotina, termos técnicos e jargões. Em um dos verões de sua juventude, ele passou uma temporada no balneário de Ipanema, localizado na cidade de Pontal do Paraná, sem pagar hospedagem, apresentando-se na delegacia local como policial responsável por uma “*prévia de levantamento da Operação Praia*”. A identidade que ele assumiu foi a do oficial

Malucelli, integrante do prestigiado e truculento Grupo TIGRE, um Batalhão de operações especiais da Polícia Civil do Paraná. Marcelo escolheu esta identidade, porque sabia que os membros do grupo TIGRE trabalham encapuzados e não são reconhecidos quando estão fora de serviço, em sua avaliação era improvável que alguém na cidade conhecesse o rosto do temido oficial Malucelli. Além de permanecer por dias na delegacia do Balneário de Ipanema, circulou pela cidade, conduzindo viaturas, chegando a realizar abordagens e prisões. Na ocasião, promoveu alguns churrascos, reunindo os “colegas” policiais locais, sem jamais pagar ao supermercado, onde comprou as carnes e bebidas para tais confraternizações.

Aos 18 anos, Marcelo foi servir ao Exército Brasileiro e lá não perdeu oportunidades de realizar trapaças. Em sua chegada, apresentou-se ao comandante da companhia como lutador e campeão de *Jiu-jitsu*, com esta mentira ele conseguiu ser dispensado da extensa rotina de exercícios físicos militares aos quais eram submetidos os outros jovens. O principal delito empreendido por Marcelo naquele Batalhão foi a venda clandestina das motocicletas que compunham a frota do Exército, para uma revendedora de veículos da região. Quando o comprador foi ao Batalhão receber as motos, pelas quais havia pagado antecipadamente, ficou sabendo que trapaceiro tinha fugido da cidade. Com isso, ele se tornou procurado pela Polícia do Paraná.

Durante os anos de 1990, em variados eventos e ocasiões ele disse ser repórter de televisão. Chegou a se passar por um DJ famoso no Paraná, tendo se apresentado em diversos municípios do estado, concedido entrevistas a emissoras locais e pousado para foto com fãs. Também assumiu a identidade de músicos de bandas consagradas, como *Nenhum de Nós* e *Engenheiros do Hawaii*. Em 1993, passou-se por olheiro da Seleção Brasileira de Futebol, em busca de novos talentos no Paraná, para a Copa do Mundo de 1994. Tais mentiras rendiam variados ganhos e benefícios ao impostor, que conseguia aproximação e convívio com autoridades e pessoa conhecidas, além de acesso a espaços *vips*, como camarotes, gratuidades em hospedagem, alimentação e transporte, dentre outros

Em sua adolescência na capital paranaense, Marcelo residia com a família próximo a um aeroclube e lá participou de alguns vôos de instrução, adquirindo conhecimentos de aviação e pilotagem, posteriormente realizou os cursos de piloto privado e de piloto comercial, financiado por traficantes da região, que em troca requisitaram seus serviços para voos clandestinos entre o Brasil e o Paraguai. Por anos realizou transporte de armas, entorpecentes, bebidas, cigarros e produtos de contrabando

nesta região de fronteira. Na década de 1990, ainda em serviço para traficantes, desta vez, na fronteira do Brasil com a Colômbia, Marcelo conseguiu a proeza de enganar uma patrulha da *Drug Enforcement Administration-DEA*, órgão norte-americano especializado no controle e combate ao tráfico de drogas. Na ocasião, agentes da DEA, em colaboração com o Exército colombiano, estavam patrulhando as fronteiras terrestres e aéreas daquele país, visando enfraquecer o tráfico de cocaína. Depois de receber R\$ 40 mil de um grupo de traficantes, Marcelo elaborou uma estratégia para distrair os agentes norte-americanos e abrir temporariamente caminho para aviões cargueiros do tráfico cruzar aquela região lindeira. Primeiro ele espalhou boatos de que os traficantes estariam comprando um avião militar para atingir os jatos da DEA. Uma vez disseminada essa estória na região, ele pintou um jato privado com cores militares e ativou sua pós-combustão para que a aeronave emitisse um barulho similar ao de um jato de guerra. Com este falso jato militar, ele realizou voos rasantes sobre a base aérea do DEA, na fronteira colombiana. A ideia era confirmar a *fake news* de que os cartéis do tráfico no país, realmente tinham adquirido jatos de combate. Acreditando que podiam ser atacados pelos “falsos” aviões de guerra dos traficantes, após o vôos rasantes sobre suas bases, os agentes norte americanos ficaram horas sem decolar, abrindo um corredor aéreo para a passagem dos jatos cargueiros dos traficantes, de quem Marcelo tinha recebido dinheiro.

Em 2001, depois de ter sido reconhecido por agentes da PF no aeroporto Santos Dumont, enquanto se passava pelo empresário Henrique Constantino, Marcelo foi encaminhado para a prisão de Bangu, na zona oeste do Rio de Janeiro. Dois anos depois, ainda em Bangu, durante uma rebelião dos detentos, ele resolveu se passar por Juliano, um falso integrante do Comando Vermelho, e, com esta identidade assumiu a liderança do levante. Na ocasião, ele deu entrevistas a variados telejornais de veiculação nacional, entre estes o Jornal Nacional da Rede Globo. Apresentando-se como representante de presos do Comando Vermelho e do PCC. Marcelo fez exigências e ameaças às autoridades durante a entrevista e, segundo ele tem dito em algumas entrevistas depois que saiu da prisão, naquela ocasião teria dissuadido um ataque contra os rebelados, que estava sendo planejado pelo Batalhão de Operações Especiais, tendo conseguido negociar a rendição pacífica dos presos.

A jornalista Mariana Caltabiano conta que foi enganada por Marcelo, durante as negociações para escrever o livro sobre sua trajetória. Na primeira visita que o fez no Centro de Triagem Prisional em Curitiba, acordaram um percentual para cada parte na

divisão das quantias que seriam obtidas com a publicação do livro. Quando ela retorna à prisão para dar encaminhamento ao trabalho, ele disse que já não estava mais interessado na proposta da jornalista, pois teria recebido uma oferta mais generosa dos irmãos Roberto e Reginaldo Faria. A ansiedade em fechar o acordo e a narrativa verossímil do golpista, fez com que a jornalista fizesse uma contraproposta cedendo-o 50% da participação dos lucros. Posteriormente, na sucessão relatos para o livro, Marcelo veio confessar que os irmãos Faria nunca tinham feito contato com ele.

Durante os anos 2000 e 2010, Marcelo foi preso 12 vezes e tentou fugir nove vezes, tendo sido detido por acusações de fraude, associação ao tráfico e uso indevido de insígnia e farda, com condenações que, segundo ele, somaram 33 anos de detenção, cumpridas em diferentes locais do país.

Em decorrência do sucesso do livro *VIPS, histórias reais de mentiroso*, que no período de seu lançamento no ano 2000, vendeu uma quantia próxima a 50 mil cópias, tendo suscitado a produção de um documentário e de um filme, a biografia de Marcelo ganhou considerável visibilidade nacional. Desde os anos 2010, ele tem participado de diferentes programas de televisão, tendo sido algumas de suas entrevistas concedidas enquanto ainda estava preso. Em 2014, ele abriu uma empresa de promoção de eventos em Cuiabá, onde tem produzido shows e outros eventos. Marcelo também atua realizando consultorias, palestras e treinamento de vendas pelo país, em que relata suas experiências, ensina técnicas de persuasão na área de vendas de produtos e serviços, além de compartilhar seus saberes para a prevenção de golpes em geral.

Marcelo também movimentou sua rica imaginação e habilidades literárias na escrita de um romance policial intitulado “Fábrica de Monstros”, abordando o drama de um taxista que por ter cometido um delito leve, foi parar na prisão e passou a conviver com bandidos perigosos e a enfrentar situações muito difíceis. Ademais, o antigo impostor é voluntário na ONG *Anjos da Liberdade*, do Rio de Janeiro, onde faz palestras para reeducandos em quadro de progressão de regime, ajudando na ressocialização. Atualmente é casado, tem um filho e uma enteada.

Na performance trapaceira de Marcelo chama a atenção a quantidade de papéis e personagens assumidos, assim como a variação de objetivos e ganhos em suas mentiras e golpes. Na maior parte das situações em que incorreu em falsidade ideológica, ele parecia menos interessado em dinheiro, do que em experimentar, mesmo que momentaneamente, ser alguém com elevado *status* e, com isto, vivenciar a aceitação e o reconhecimento que nossa sociedade destina aos ricos, além de conviver e observar “de

perto” pessoas com poder e fama. Apenas a alegria de estar em eventos festivos não era o bastante, ele buscava espaços elitizados, onde acredita que as mulheres são mais bonitas, as bebidas melhores e os garçons mais atenciosos. Nas entrevistas que tem concedido, Marcelo relata suas mentiras com orgulho, parece ciente que suas performances denotam uma rica imaginação e acintosa coragem, mobilizadas para burlar barreiras sociais.

Em algumas narrativas, o envaidecimento de Marcelo se faz perceber ao ressaltar suas “aventuras” em camarotes com presença de modelos, algumas das quais conseguiu enganar e beijar, mostrando-se “mais esperto” que os responsáveis pelos sistemas de checagens e controles dos eventos. As tecnologias materiais e sociais não seriam boas o suficiente para impedi-lo de acessar espaços que se pretendem “distintos”, restritos aos que são privilegiados em poder, dinheiro, fama e beleza. Em outras entrevistas, o tom de triunfalismo cênico, quase sempre forte em sua narrativa, parece se firmar na crença da “invencibilidade” de suas performances cínicas, por ter, ao longo da vida, enganado organizadores de eventos, polícias nacionais e até mesmo agentes da DEA norte americana, bandidos e jornalistas. Ele não parece querer ser outras pessoas, gosta de vivenciar papéis variados, passando-se por figuras que ocupam posições privilegiadas e, com isto, usufruir de regalias, mimos e deferências, entretanto, com garantia de que sempre será o mentiroso Marcelo. Contar sobre suas “façanhas”, provavelmente relatos cheios de exageros, parece ser o que lhe dar mais prazer e orgulho.

4) Golpistas, performances e estrutura social

Conforme anunciado, o argumento central deste *paper* é que personagens como Ana, Simon e Marcelo apresentam uma sofisticada compreensão da estrutura social em suas hierarquias, moralidades e simbolismos, tendo elaborado, a partir deste “lugar” privilegiado de “observação”, ferramentas para subverter ou “contornar” dispositivos que instituem e mantêm divisões, e escalonamentos sociais, baseadas em classe ou renda, assim como dispositivos de atribuições de lugares.

Conforme expõe Sahlins(2003), com o crescimento populacional, a urbanização e a economia de mercado, perdemos diversas referências simbólicas que pautavam as relações sociais em pequenas localidades, onde todos se conheciam. Tantas mudanças não tornaram as interações caóticas e conseguimos produzir “coesas sociedades de estranhos”, apenas porque aprendemos a focalizar e nos deixar orientar pelas aparências

e todos seus indícios, para lidarmos com os mais variados desconhecidos com quem passamos a interagir em nossas rotinas urbanas. Deste modo, o simbólico teria, para o autor, uma função operativa. Goffman(1951) também segue por esta via analítica. Ele chama a atenção para função social de síntese desempenhada pelos símbolos nas sociedades contemporâneas, que informariam sobre características e pertencimentos sociais das pessoas que os detém, orientando, assim, as relações sociais. Goffman se refere tanto a objetos materiais como joias e carros, que se tornaram símbolos de classes abastadas, como também habilidades. Falar línguas estrangeiras ou tocar piano, por exemplo, embora não tenham configuração material, indicam que os portadores destes saberes puderam dispor de tempo para desenvolvê-las, o que não poderiam fazê-lo se tivessem que gastar todo o dia com atividades voltadas para a sustento material. Pessoas como Ana, Simon e Marcelo, embora não tematizem a questão ou desenvolvam categorias de análise, do modo como fazem Sahlins(2003) e Goffman(1951), compartilham com os autores a percepção de que nas sociedades contemporâneas a interação é baseada em aparências e de que estas são suscetíveis à manipulação. Ambos incorrem com maestria no que Goffman considera desempenho dramático “cínico”, que se refere ao comportamento de quem emite e transmite, de modo intencional, informações falsas sobre si.

Outra categoria utilizada por Goffman (1974), importante para compreendermos a atuação de golpistas, seria o que autor denomina “*uplomb*” que pode ser traduzido para o português como “aprumo” e se refere à capacidade dos atores sociais de reverter situações inusitadas, de constrangimento em que foram contrariados em suas afirmações ou imagem construída. Golpistas e outros tipos de mentirosos, habituados a disseminar imagens fictícias de si, geralmente positivas, seriam privilegiados em *uplomb*, uma vez que, antes de serem definitivamente desmascarados, conseguem quase sempre sobreviver a diversas situações em que suas “fachadas” são questionadas ou estão em risco. Tal resiliência dramática costuma resultar de seus conhecimentos e informações que acumulam sobre os universos e círculos sociais nos quais conseguem se infiltrar.

Mas tais habilidades e “conhecimentos” sobre os contextos sociais em que imergem e as investidas de subversão a partir daí efetuadas decorrem de um encantamento ou paixão por luxo e glamour, marcante no cotidiano dos ricos. O anseio em transitar e compor este mundo imaginado como maravilhoso é tanto, que buscam conhecê-lo em seus pormenores. Impossibilitados de se tornar “milionários” em um

curto intervalo de tempo pelas vias legais, incorrem nos domínios do ilícito para perseguir aspirações de status social e consumo conspícuo.

Estas pessoas engendram com suas mentiras, personagens inventados ou mesmo falsidade ideológica, um mundo de ostentação que figuraria como um *espelho mágico* ou *antiestrutura* tal como pensados por Turner. Para o autor, a liminaridade ritualística causa um efeito de suspensão na estrutura social porque a retira da temporalidade indicativa, instaurando a subjuntividade. Deste modo, os rituais espelhariam a realidade, não de modo fiel ou exato, mas a partir de um “como se”, por isto a imagem do espelho “mágico” (Turner, 1974; Dawsey, 2005). Os golpistas e o “encantamento” que produzem em seus interlocutores por meio de performances “cínicas”, em alguma medida, desencadeiam o efeito de suspender e balançar a estrutura social para renová-la, que Turner atribui aos rituais. Ana, por exemplo, hospedava-se em hotéis cinco estrelas e dava gorjetas de cento e cinquenta dólares a alguns funcionários. A trapaceira pagava personal trainers, jantares em restaurantes premiados e roupas de grifes para amigas. Conforme mencionado, ela chegou a dar um calote em uma empresa de taxi aéreo, de quem contratou um jatinho para transportar amigos milionários a um evento. Simon e Marcelo também forjaram eventos e situações como estas regadas a opulência e generosidades excessivas. Para convencer milionários de que também são milionários, além de ostentar hábitos e bens de consumo sofisticados, impostores costumam patrocinar experiências luxuosas e presentes não só aos que lhes seriam iguais, mas, principalmente, aos que lhes são subordinadas, profissionais como garçons, secretárias, choffeurs, personal trainer, dentre outras.

Embora encarnem personagens e nomes falsos, há uma dimensão da atuação dessas pessoas que é plenamente sincera: elas acreditam que dinheiro, poder e fama, além de outros atributos cobiçados no “mundo dos ricos”, garantem felicidade. Se esta crença é procedente ou não, não cabe a este *paper* discutir, contudo se mostra interessante observar como ela leva os trapaceiros ora focalizados a mentir, infringir leis, tornaram-se publicamente expostos e irem para a cadeia. Estes personagens costumam convencer com suas performances "cínicas" porque, para muitas pessoas, os personagens glamourosos que eles criam, o cotidiano e as narrativas artificiais que eles elaboram são fascinantes. Poucos são ousados a ponto de criar nomes falsos, apresentar versões mentirosas sobre suas biografias, fingindo ser herdeiros de grandes fortunas, mas milhões de pessoas gostariam de ser as figuras que os impostores dizem ser e de ter a vida social que eles têm, adornada por objetos caros, eventos requintados e companhias chiques.

Há longa data, em muitas sociedades persistem uma cultura de veneração do luxo cotidiano, padrões estéticos e biografias de pessoas ricas, instituições e dispositivos sociais os mais diversos atuam para convencer as pessoas de que ter muito dinheiro, fama e vestir roupas caras é o melhor que se pode ser na vida. Onde quer que estejam, milionários e famosos recebem um tratamento distinto, são invejados e cercados de bajuladores. O tratamento dispensado à Marcelo Rocha por outras personalidades públicas, antes e depois de terem descoberto que ele não é Henrique Constantino é elucidativo. Segundo Marcelo, durante o *Recifolia 2001*, tinha cumprimentado o apresentador Amaury Junior, mas este não teria respondido ao rapaz. Depois de ter sido informado por uma produtora do seu programa, VIPs, que o gordinho sorridente seria o herdeiro da *GOL linhas aéreas*, o apresentador procurou Marcelo, tratando-o com acentuada deferência e cordialidade, chegou a almoçar e passear de helicóptero com o impostor. Depois que Marcelo foi descoberto e preso no Rio de Janeiro, as entrevistas que concedeu a Amaury Junior, foram tomadas como demonstração de sua astúcia e habilidade cênica, muitos jornalistas as mencionavam em tom de piada. Informado da prisão de Marcelo, Amaury Junior não demonstrou simpatia pelo impostor, declarou à imprensa que tinha refletido sobre como correu perigo no convívio com o golpista. Depois do sucesso do livro da jornalista Mariana Caltabiano, abordando a biografia de Marcelo, que resultou em um documentário e um filme, o apresentador mudou de postura e foi até à prisão do estado de Mato Grosso, onde cumpria pena o trapaceiro que, naquele momento, havia efetivamente se tornado uma celebridade, entrevistando-o de modo amistoso e lisonjeiro.

Em se tratando de Simon, suas estratégias e truques junto a mulheres se mostraram eficientes porque “o golpista do tinder”, pautava sua imagem no ideal de “príncipe encantado” ou “bom partido”, amplamente difundida na literatura e teledramaturgia infantil e adulta. A ideia de que um homem bonito e com elevado poder aquisitivo vai aparecer para acabar com todos os problemas de autoestima e conta bancária das leitoras e telespectadoras, vem sendo injetada de modo direto ou subliminar em crianças, adolescentes e mulheres há várias gerações.

Além dos “talentos” dramáticos e de estudar o universo social onde vão atuar, os três atores abordados neste texto têm a seu favor um aspecto específico da aparência física que lhes confere vantagens, a cor da pele. Um dos temas mais abordados no debate público nos últimos anos é a branquitude e sua capacidade de concentrar de poder e privilégios, produzindo injustiças e impactos negativos em trajetórias individuais. Se as pessoas negras costumam ser estigmatizadas, alvo de

suspeições e altamente prejudicadas em situações as mais diversas da vida social, as pessoas brancas seriam beneficiadas com uma propensão geral a lhes endereçar confiança, admiração e, com isto, oportunidades. Evidentemente, a cor da pele da falsa herdeira alemã contribuiu para que Anna Delvey convencesse tantas pessoas, acostumadas a lidar com meios de conferência e checagem de informações. Embora seu empréstimo de 60 milhões tenha sido negado, causou estranhamento ela ter chegado até a última fase de processo de análise de propostas de uma instituição financeira, sem que a falsificação de sua identidade, assim como dos documentos e informações que compunham seu projeto, tivesse sido detectada. Também surpreende que uma jovem mulher imigrante, não tenha causado desconfianças entre endinheirados e no “time” de profissionais badalados que ela conseguiu reunir. Mesmo que os cartões de Anna fossem vez por outra recusados, seus cheques voltassem e ela pedisse para pagar depois suas contas ou acabasse dando calote, por ser uma mulher branca, ter “boas maneiras” e “bom gosto”, seu personagem convencia as pessoas. A aparência e modos da impostora equivalia à imagem que a maior parte das pessoas conservam sobre milionários. Suas atitudes evasivas e instabilidades na quitação de dívida não minarem a confiança das pessoas em sua narrativa, é um tipo e privilégio que pessoas brancas usufruem. Tamanha aceitação social é, muitas vezes, convertida em crédito monetário. É comum que ganhos ocorram para pessoas brancas e encaixadas dentro de um padrão que se costuma nomear de “boa aparência”, sem que estas pessoas precisem atender a muitas exigências ou provar exaustivamente suas capacidades, como ocorre com pessoas negras e percebidas como pobres.

Tais suscetibilidades morais e ilusões que permeiam a vida em muitas sociedades se convertem em oportunidades que são exploradas por golpistas e trapaceiros em suas atuações. Personagens como Anna, Simon e Marcelo, quando descobertos, costumam ser enquadrados criminalmente, mas os bens de consumo, estilos de vida e instrumentalidade nas escolhas e ações que eles encarnam continuam prescritos e idealizados por sociedades, cujas moralidades são altamente vulneráveis à sedução do poder e do dinheiro. Há um pacto material e simbólico que celebra e idealiza figuras como as que são encenadas por estes golpistas. Em uma sociedade global mais humanista, que não fantasiasse a vida dos magnatas e não associasse valor pessoal a poder aquisitivo, as atuações dos trapaceiros em pauta não seriam tão certas.

Este texto conclui, portanto, que a eficácia simbólica das atuações de Anna, Simon e Marcelo se explicam, em larga medida, pelas crenças destes atores em seus papéis. Embora mentirosos, os personagens que elaboram expressam verdades

profundas destes golpistas que são compartilhadas por suas plateias, ambos idealizam e celebram a riqueza e estilos de vida requintados. O que temos são crentes enganando crentes. Os crimes cometidos por tais impostores constituem, assim, contingências atreladas a vulnerabilidades éticas e estéticas que, há longa data, permeiam diversas sociedades pelo mundo. Eles infringem o sistema legal, mas são obedientes a simbolismos e valores socialmente prescritos, sobre sucesso e felicidade.

Referências Bibliográficas

CALTABIANO, Mariana. *VIPS: Histórias Reais de um Mentiroso*. São Paulo: Jaboticaba, 2005.

DAWSEY, John. *Victor Turner e a Antropologia da Experiência*. Cadernos de Campo. (13) 14, 2005.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Petrópolis: Vozes, 1992. 3a edição.

_____. *Symbols of Class Status*. *British Journal of Sociology*: 2, 294-304, 1951.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis. Vozes, 1974.

Referências Audiovisuais

CALTABIANO, Mariana. *VIPS: Histórias Reais de um Mentiroso*. (O Documentário). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6_VUYLBis5g

EASTIN, Jeff. Crimes do Colarinho Branco. Fox Brasil, 2011

MORRYS, Felicity. *O Golpista do Tinder*. Netflix, 2022

RHYMES, Sonda. *Inventando Anna*. Netflix, 2022

SHAIMAN, Marc, ABIGNALE; WITMAN, Scott. *Cat me if you Can*. (Musical) Broadway, 2011

SPIELBERG, Steven, Prenda-me se for capaz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojYbhs1Gk2s>